Mello Mourão

Hitler e a Igreja

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Mello Mourão

Hitler e a Igreja

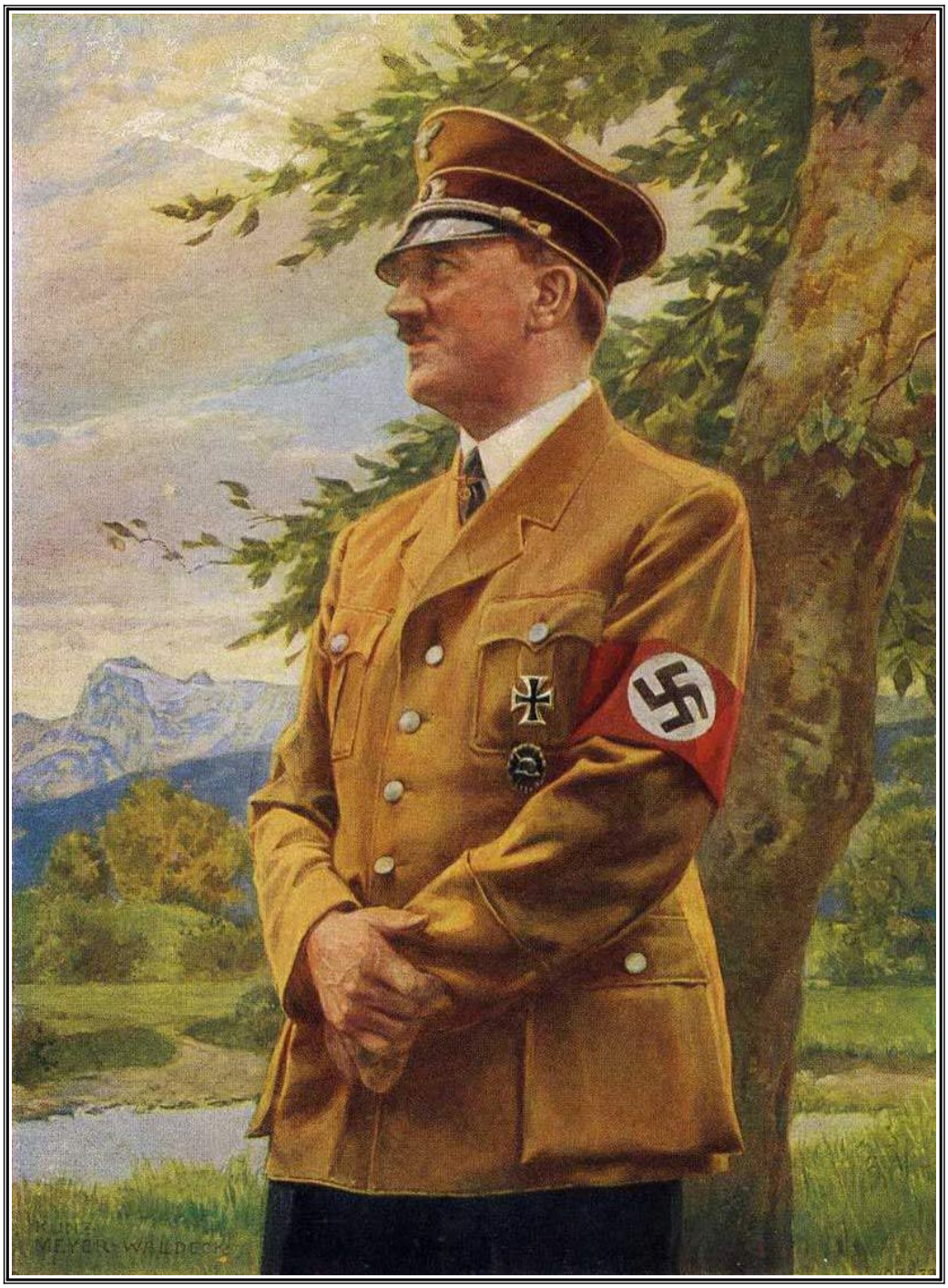
Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

PREFÁCIO....6
CRISTO E CÉSAR NA “NOVA ORDEM”....8
A MAÇONARIA....10
O COMEÇO DA INTRIGA....13
O PROBLEMA JUDAICO....15
SERÁ ORTODOXA A POLÍTICA ANTIJUDAICA DE HITLER?....15
SE É LÍCITO IMPOR TRIBUTO AOS JUDEUS....16
SERÁ LÍCITO EXPROPRIAR OS BENS DOS JUDEUS?....17
SERÁ LÍCITO IMPOR MULTAS AOS JUDEUS?....18
SE É ADEQUADO QUE OS JUDEUS TRAGAM UM SINAL QUE OS DISTINGA DOS CRISTÃOS....19
OS CATÓLICOS E A GUERRA ATUAL....20
A CAMPANHA DE CONFUSÃO CONTRA A IGREJA E A ALEMANHA....22
A SITUAÇÃO INTERNA DA IGREJA NO REICH....24
CONCLUSÃO....27

“Reddite, ergo, quae sunt Caesaris, Caesari, et quae sunt Dei, Deo”. S. Mateus XXII, 21.

“Não queremos, de maneira nenhuma, ser um povo sem religião e sem fé”.
- Adolf Hitler
Discurso perante o Reichstag — 1935.



“Adolf Hitler é um produto da Igreja Católica. Ele nunca renunciou às doutrinas religiosas nem condenou os objetivos e aspirações políticas da Igreja na qual nasceu e foi batizado. Assim como seu pai considerava o sacerdócio católico como o mais elevado estado ao qual alguém poderia aspirar, também para ele, quando criança, o padre aparecia como o ser humano ideal. Em sua autobiografia, Hitler afirma que ficou profundamente impressionado com as cerimônias religiosas da Igreja Católica e que foi membro do coro em sua igreja paroquial. Em seu tempo livre, ele fazia aulas de canto no mosteiro próximo.” — Behind the Dictators, de L. H. Lehmann

PREFÁCIO

Mello Mourão pediu-me que dissesse algumas palavras, como prefácio, à sua plaquette “Hitler e a Igreja Católica”.

Evidentemente, o seu pedido se limita às esferas de nossa amizade. Tratando-se, como se trata, de assunto relacionado com a Igreja, não visa, nem por isto, obter algo como um *Nihil Obstat*, fornecido por membro da hierarquia eclesiástica. Aliás, para tal, faltar-me-iam credenciais...

Emitir opinião, sobre assunto discutível, qualquer que seja sua importância, a todos é dado. Tanto mais, que a matéria, em questão, faz parte integrante, pelas contingências históricas do momento, das colunas dos periódicos, das rodas dos cafés e é prato do dia de todas as conversas.

Mello Mourão, jovem e ardoroso, sente, como nós outros, os moços desta “geração catastrófica”, toda a dramaticidade da hora que passa. Sente o entrechoque de forças que se defrontam na mais sangrenta luta. E não é preciso ser profeta para antever os prenúncios de uma “nova ordem” que está próxima.

Pergunta, muito a propósito, qual será o lugar da Igreja de Cristo, nesse novo mundo, subjugado ao império dos regimes fortes, autoritários. Esta nova ordem europeia, pergunto, como olhará ela, do fastígio do poderio de seus Césares, para os direitos da consciência católica de seus súditos? É, deveras, esta uma grande interrogação. Responda-a, precisamente, agora? Quem há de?

Mello Mourão, com argúcia, inteligência e lógica, procura, quanto possível, penetrar, no “caso alemão”, para trazer à publicidade, com visível intuito de quem quer bem informar, bastante luz, sobre as lamentáveis divergências do atual e as atuais relações entre o Reich alemão e a Santa Sé.

A infiltração maçônica nos católicos do “Centro”, a perseguição judaica, na Alemanha e o ponto de vista de Santo Tomás de Aquino, os católicos e a guerra atual, eis, do que se trata na interessante plaquette de Mello Mourão. Não tenho a menor dúvida de que ela irá ferir os sentimentos facciosos de muitos. Porém, não é menos verdade que

mostrará a questão sob um prisma diverso daquele apresentado pela publicidade tão do agrado dos inimigos da Alemanha.

Ligeiro ensaio de orientação — é o autor quem o afirma — vale a pena manuseá-lo. Com isto, nada se perderá. A par de uma linguagem, despida de tropos, mas, em estilo claro, jornalístico, tem-se, em ligeiro esboço, algo sobre a situação da Igreja na Alemanha de Adolf Hitler. Em todo o trabalho de Mello Mourão, convém não esquecer a sua reta intenção. Intenção de quem se esforça, até o fim, por esclarecer uma situação enegrecida, pela máquina de propaganda da imprensa, do rádio e do telégrafo, a serviço do demo-maçônico-judaísmo.

Rio de Janeiro, 1941.

P. J. BARBOSA RIBEIRO

CRISTO E CÉSAR NA “NOVA ORDEM”

O velho Dostoievski, do fundo das amarguras de sua alma e das inquietações cada dia maiores em que via mergulhar-se o mundo contemporâneo, exclamou certa vez: o Ocidente se perdeu, porque se afastou de Cristo.

Quando Dostoievski desapareceu, naquele estúpido século dezenove, apenas a grande voz perdida de um ou outro anunciador deixava transparecer a radical mudança que iria assinalar a centúria seguinte, fazendo nascer para o mundo, das trincheiras da guerra de mil novecentos e quatorze, a fisionomia heroica e séria desta geração que é a nossa, — a geração que Berdiaev chamaria de “catastrófica” e que Gonzague de Reynolds, com toda a sua cultura e o seu sangue de católico e de francês não hesitaria em chamar “a geração de Hitler e Mussolini.”

E a primeira pergunta que nos ocorre, a primeira interrogação que nos fazemos, decorre desta própria transformação que abalou as raízes mesmas da alma do mundo moderno: que lugar caberá à Igreja Católica Apostólica Romana, à Igreja Ecumênica de Cristo, neste mundo que o pensador francês subordinou diretamente a Hitler e a Mussolini? Que papel os senhores do mundo reservarão dentro de seus reinos, para o reino de Cristo? A nova ordem, de que o Führer e o Duce se tornaram bandeirantes no mundo, e que já conta com nações como a catolicíssima Espanha e a França cristianíssima, a Romênia e a Bulgária, a Rússia e o Japão, — a nova ordem que as juventudes da Europa construíram a fogo e sangue, quer nas marchas triunfantes da mocidade hitlerista, quer em tragédias indizivelmente sangrentas e gloriosas, nos quatro cantos da terra, como nesta Romênia épica e martirizada de Corneliu Codreanu ou nesta Espanha quixotesca de José Antonio e do Caudilho, — esta nova ordem europeia, como olhará ela, do fastígio do poderio de seus Césares, para os direitos da consciência católica de seus súditos?

Esta a resposta que nos propomos. Esta a questão capital para os próprios destinos do mundo, e que até aqui tem sido atirada com a maior das desonestidades ao sabor antropofágico dos empregados dos *bureaux* de

propaganda, dos camelôs da imprensa e do telégrafo internacional, que não titubeiam em avaliar as coisas, — ainda que tais coisas sejam objetos sagrados e invioláveis por sua própria natureza, como a Igreja e as Pátrias, — pelo simples valor que elas têm ou podem ter na tabela de seus armazéns diplomáticos e de suas lojas políticas internacionais.

E parece que muito bem avisado andou o Sábio, quando garantiu, na Escritura Sagrada, que o número dos imbecis é infinito. Porque não se pode negar o bom sucesso a que chegaram os modernos fariseus das chancelarias, onde os Maquiaveis de cozinha prepararam o veneno que lhes iria matar dois coelhos de uma cajadada: a desavença entre o Estado e a Igreja entre Cristo e César, entre o Führer e o Papa.

Este dado foi jogado e nós acabamos de assistir a estas coisas espantosas e quase apocalípticas em nossos dias: os judeus, os maçons, os burgueses, — toda a imunda farândula da mais crassa e anticristã coprocracia universal, dar o braço à Igreja de Cristo e tornar-se sua aliada... Ensaiamos aqui esclarecer a origem e os motivos do antigo desentendimento entre o Reich e a Santa Sé, a verdade e os exageros que neste sentido se espalharam pelo mundo, e a alta significação desta campanha para os eternos inimigos da Religião e da Pátria, que desta vez, ludibriando até os bons e os decentes, cumpriram ainda a palavra do Mestre, de que os filhos das trevas são mais hábeis do que os filhos da luz…

A MAÇONARIA

"A vitória dos aliados deve ser a vitória dos princípios maçônicos".

(Palavras do Grão-Mestre Magalhães de Lima, citadas por Léon de Poncins.)

A vitória de Adolf Hitler e a sua consequente ascensão ao poder, representavam o repúdio definitivo de um povo inteiro, — e de um povo como o povo alemão, — aos velhos e caducos ideais da revolução francesa. Representavam a revolução mais sincera e mais profunda da história contra a sórdida burguesia dominadora do Estado e do Povo, internacionalmente ligada por teias invisíveis que sabiam das chancelarias e terminavam nas casas bancárias da Europa e do mundo…

Um partido que trazia na sua plataforma, postulados como este:

— "O dever primordial de todo cidadão é o trabalho corporal ou intelectual. A atividade individual não deve estar em contraposição nem prejudicar o interesse coletivo, mas ao contrário, deverá desenvolver-se, como parte que é do interesse geral e em benefício do bem comum", e mais adiante exigia — "a abolição de toda renda que não proceda do trabalho"; — uma revolução que vinha dirigir, rigorosamente e de fato os destinos de um povo, contra todos os exploradores da burguesia individualista, que inventara, para a impune liberdade de suas injustiças sociais a doce fórmula do "*laissez faire, laissez passer*"; uma revolução que vinha por termo aos *trusts*, e ao parasitarismo da judiaria internacional, — uma revolução assim, tinha forçosamente que atrair contra si o ódio de uma das mais importantes forças de choque desta tremenda organização universal, que atenta contra todas as reservas morais dos povos e dos indivíduos — a MAÇONARIA.

A Maçonaria estende seus tentáculos pelo mundo inteiro com uma orientação uniformemente dirigida. Cada nação possui o seu Grande Oriente, com o seu grão-mestre e as suas múltiplas lojas, dependendo do Grande Oriente de Bruxelas ou de Paris, que por sua vez dependem, em última instância, do poder supremo do Grande Oriente de Londres, que

tem na Escócia o seu reduto cerrado e todo-poderoso. Para difusão, os maçons lançam mão de todos os recursos. São os *Rotary Clubs*, os Congressos Internacionais disso ou daquilo e o grande bastidor político da finada Liga das Nações. E penetra em toda parte.

Na Alemanha, o Partido Católico, originado do famoso Centro, representava uma força política das mais respeitáveis e poderosas. A Maçonaria não podia perder tempo. E não perdeu. Os homens do Centro foram trabalhados e a prancheta escocesa desceu às sacristias políticas do Partido, com a palavra de ordem, vinda do Grande Oriente de Londres, — ou seja, — das câmaras de Londres e dos ministérios de Londres. Isso não é de admirar, pois se até no Brasil a prancheta correu: "Forças inimigas, desbaratadas nos formidáveis combates desiguais dos séculos decorridos, parece que resurgem das próprias cinzas e alçam de novo o seu desafio contra a Maçonaria adormecida sobre os louros acumulados."

(Do CORREIO DE MINAS de 30 de Março de 1940).

BRÜNING, o famoso "homem dos óculos", como o chamava o Marechal Hindenburg, foi a sombra negra de Hitler, com que a Maçonaria internacional controlou os primeiros passos da luta contra o nazismo. Membro do Partido Católico do Centro, primeiro-ministro várias vezes, sustentando mediante as mais escusas intrigas uma aliança dos Católicos com os capitalistas judeus, Brüning, que envergava com a mesma serenidade o avental de pele de porco e a opa da sacristia, por intermédio de seu ministro da Defesa, GRÖNER, tentou dissolver as organizações da S. S. e da S. A. do Movimento Nacional Socialista.

Tanto estava Brüning ligado aos planos maçônicos, que queimou todos os cartuchos para prender a Alemanha ao sinistro plano Dawes (Dawes, o famoso rotariano), com que a Maçonaria dos Estados Unidos lançou seu grande golpe para atrelar eternamente a Alemanha ao carro da grande plutocracia anglo-americana. O Nacional-Socialismo, apoiado pelo povo, conseguiu então uma enorme vitória, formando um Reichstag nazista, com Göring na presidência. Estava-se em 1932. Brüning caiu, e auxiliado por seus confrades de loja foi se amparar na Inglaterra, onde ainda vive, como professor de um Colégio…

Mas o complô maçônico, nem por isso, se deu por vencido. As cartas passaram a Von Papen. De Von Papen, que não teria feito o jogo necessário, passaram às mãos de Von Schleicher, que atirou a última cartada da burguesia judaica. Mas este também foi questão de dias, porque o destino da Pátria Alemã já estava escrito com o sangue da Juventude hitlerista. E Hitler, que já recusara o posto de Vice-Chanceler, respondendo altivamente e nazistamente que não vendia o seu partido por um prato de lentilhas, foi finalmente chamado por Hindenburg, o velho herói de consciência pura, para dirigir os destinos de seu povo. Foi a ascensão da juventude e o nascimento da Jovem Alemanha. Desde a hora de sua subida ao poder, a Maçonaria enxergou imediatamente em Hitler o seu maior inimigo e começou sua obra de intriga, valendo-se, como sempre, de instrumentos internacionais. O Rotary, a Sociedade das Nações, e, — porque não tentá-lo? — como aspiração máxima, o seu outro grande inimigo de caráter e de alcance ecumênico — a IGREJA CATÓLICA. Que se dilacerassem os dois…

O COMEÇO DA INTRIGA

Quando Adolf Hitler subia ao poder, começou por demonstrar concretamente a boa vontade e a compreensão pela situação dos católicos, — muitos deles deram seu sangue nas fileiras do Partido, e a população católica da Alemanha é das mais respeitáveis do mundo, — celebrando com a Santa Sé, uma das mais belas Concordatas que os Anais da Igreja assinalam nestes últimos séculos de Liberalismo desfibrado e anticristão.

Os inimigos externos e internos da Alemanha, por um lado, que eram os mesmos da Igreja, — judeus e maçons, — não podiam absolutamente ver com bons olhos a união de duas forças sãs e vigorosas. Por outro lado as velhas comadres da politique dos partidos, tão agradáveis e tão lucrativos, não se conformavam com a situação do novo regime, que, congregando o povo alemão em torno de uma só vontade e de um só Chefe, acabara com os grupelhos e as facções que dilaceravam em mil e uma opiniões e interesses a nação.

Muitos dos políticos que perderam seus bons e gordos lugares administrativos, eram do Partido Católico do Centro, católicos da mesma marca de Brüning e daqueles nossos famosos deputados da LEC, que aqui no Brasil também eram deputados pela Santa Madre Igreja, por obra e graça de um Grande Oriente qualquer…

E os atos de sabotagem começaram. O novo Chanceler não teve nem podia ter a mínima condescendência com esta espécie indigna de inimigos. Assim teve início o lamentável desentendimento com o Reich e o Pontificado de Pio XI, — do qual nem a Igreja nem a Alemanha tiraram a menor vantagem, mas que deve ter alimentado o sorriso alegre de muito rabino pérfido por esse ingênuo mundo de Deus. Falamos honestamente do assunto, e como católicos não queremos, absolutamente ocultar as referências desta passagem, nem mesmo as violentas condenações daquela *Mit Brennender Sorge*, diante da qual curvamos humildemente a cabeça…

Isto aconteceu e passou. Hoje, graças a Deus, que faz sempre a verdade triunfar, estas páginas sombrias foram esclarecidas e as relações

entre o Vaticano e a Chancelaria do Barão Von Ribbentrop, são infinitamente melhores, que as de muitas nações que faziam praga de suas tradições católicas seculares…

O PROBLEMA JUDAICO

SERÁ ORTODOXA A POLÍTICA ANTIJUDAICA DE HITLER?

"Os judeus parecem nada ter, senão o que adquiriram pela maldade da usura".

SANTO TOMÁS DE AQUINO
(Do Governo dos Judeus à Duqueza de Brabante).

Na terrível campanha que os *bureaux* de propaganda trombetearam pelo mundo, visando indispor a opinião dos católicos contra a Alemanha nacional-socialista, ocupou sempre a honra das caixas altas a desumana perseguição aos judeus, estes pobres inocentes, cujos bens eram confiscados, cuja cidadania era esbulhada e que até, — ó requinte de perversidade — eram obrigados a andar nas ruas, como na Polônia, por exemplo, com as roupas marcadas como se eles fossem de outra espécie, para diferenciá-los dos cristãos…

Poderíamos aqui esclarecer os limites até onde semelhante propaganda foi exagerada, e assinalar as suas justas proporções. Vamos entretanto aceitar de barato todo o grosso volume desta campanha sentimental, muito própria para arrancar lágrimas das senhoritas ingênuas e das velhas compadecidas.

Vamos acreditar em todas estas acusações, e passar a resposta a um terceiro, que não será nem o sr. Adolf Hitler, nem o sr. Rosenberg, nem Goebbels, nem Göring, nem mesmo o católico Von Papen que ainda hoje continua fazendo parte do governo "pagão" do sr. Hitler. Não vamos dar a palavra tampouco a um Bispo alemão qualquer, nem ao Papa, nem a um simples Santo da Igreja. Responderá por nós o próprio Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino, lumina mais alto e mais seguro da Doutrina Católica.

SE É LÍCITO IMPOR TRIBUTO AOS JUDEUS

Afirma-se que Hitler impõe tributos especiais aos Judeus.

Será lícito e ortodoxo, dentro da doutrina Católica, cobrar estes impostos especiais?

Santo Tomás de Aquino, depois de lembrar que os Judeus estavam, — "em pagamento da sua culpa, obrigados a uma perpétua servidão", e que assim, "podiam os senhores das terras tomar como suas as propriedades deles", — responde à consulta da Duqueza de Brabante sobre o assunto, com estas palavras textuais:

— PODEIS IMPOR TRIBUTOS AOS JUDEUS, A NÃO SER QUE POR OUTRA RAZÃO O PROÍBA.

SERÁ LÍCITO EXPROPRIAR OS BENS DOS JUDEUS?

Afirma-se que Hitler vai mais longe, e não contente de arrancar impostos especiais dos pobres israelitas, expropria-lhes os bens, em benefício do Estado.

Será lícito e ortodoxo, dentro da doutrina católica, proceder dessa maneira?

Santo Tomás de Aquino:

“Tendo eles bens que extorquiram de outros, se lhes tomardes esses bens, deveis restituí-los àqueles a quem os judeus estavam obrigados a restituir. Portanto, se existirem essas pessoas de quem arrancaram usuras, deve-se restituí-las a elas; ou, caso contrário, empregá-las em usos piedosos, segundo o conselho do bispo diocesano e de outros homens de bem, ou então em benefício público do país, se a necessidade o exigir ou a utilidade comum o pedir.”

SERÁ LÍCITO IMPOR MULTAS AOS JUDEUS?

Afirma-se que Hitler, aproveitando-se dos judeus ricos da Alemanha, impõe-lhes multas pesadas em dinheiro.

Santo Tomás de Aquino:

"Convém que ele (o judeu) seja castigado com pena pecuniária, a fim de não tirar proveito da sua iniquidade."

E o santo Doutor vai mais longe:

"Também me parece que o judeu, ou qualquer outro usurário que o seja, deva ser punido com pena maior do que qualquer outra pessoa, sobretudo quando não se sabe a quem pertence o dinheiro que ele retira. Pode-se ainda acrescentar outra pena à pecuniária, para que não pareça bastar, como castigo, apenas deixar de possuir o dinheiro devido a outrem."

E, se quiserem, podem acusar Hitler também de receber donativos esportâneos dos Judeus, porque é o mesmo Doutor Angélico quem afirma ainda:

"A isso, parece dever-se responder que sim, é lícito receber."

SE É ADEQUADO QUE OS JUDEUS TRAGAM UM SINAL QUE OS DISTINGA DOS CRISTÃOS

Acusam, por fim, o Führer, em um supremo escândalo, de ter obrigado recentemente os judeus da Polônia a trazerem uma marca na roupa, pela qual ficariam diferenciados dos cristãos.

Pois bem. Até mesmo quanto a esse detalhe, nosso querido Santo Tomás de Aquino apresenta sua resposta, esclarecedora e considerada indiscutível.

Vejamos:

“Segundo o que foi instituído no Concílio Geral, os judeus de ambos os sexos devem, em toda província cristã e em todo tempo, distinguir-se das demais pessoas pela roupa.”

Donde se conclui que, hoje em dia, apenas o sr. Hitler estaria cumprindo à risca as prescrições de Santo Tomás e do Concílio Geral.

Os insatisfeitos com a situação dos bons amigos judeus deveriam, portanto, antes de acusar o chanceler alemão, ler o que disse o Doutor Angélico e o que decidiu o respeitável Concílio Geral da Igreja Católica Apostólica Romana.

OS CATÓLICOS E A GUERRA ATUAL

Apesar de serem as melhores possíveis as relações entre a Igreja e a Alemanha — que ainda no ano passado enviou ao Vaticano, para conferenciar com Sua Santidade, não apenas um embaixador ou um ministro extraordinário qualquer, mas o próprio titular das Relações Exteriores, chamado Joachim von Ribbentrop —, apesar da mensagem que o clero e o episcopado alemães enviaram ao Führer, apesar de tudo isso, ou talvez justamente por isso, as forças anticristãs aquarteladas no Grande Oriente de Londres, que, por uma ironia simbólica, funciona justamente na famosíssima rua chamada Downing Street, não puderam ver com bons olhos a união das duas forças contra as quais investe o reino de Mammon: Cristo e César. Assim, recomeçaram sua sinistra tarefa de semear a discórdia entre o Papado e o Reich.

Embora esse pequeno serviço malfeito dos rapazes do bureau do dr. Cooper se perca por sua própria inconsistência e pela insuficiência moral de seus propagandistas, parece-nos oportuno oferecer aqui alguns esclarecimentos essenciais sobre o assunto.

Se, em vez de estarmos fazendo um pequeno ensaio de orientação, estivéssemos antes servindo a um fim de propaganda antibritânica, poderíamos lembrar o ridículo dessa campanha de publicidade de opereta, na qual nos parece que o velho provérbio popular ganha corpo e vive um episódio cômico: o diabo, depois de velho, faz-se eremita e sai à rua, de cruz e caldeira em punho, pregando a vida devota aos fiéis…

Na verdade, o que nos parece ver é Sua Majestade o rei Jorge VI, papa da religião anglicana, rei e pontífice da Índia e da Grã-Bretanha e dos domínios de todos os mares, cuja conquista traz tintas de sangue em suas mãos imperiais — que nos parece deste rei que, quando sobe ao trono, se transforma automaticamente, pelos preceitos do Bode Preto, em grão-mestre da maçonaria; enverga debaixo da sua púrpura real o avental de pele de porco; deste rei que é nomeado com todas as honras e atribuições do cargo marechal do Exército de Salvação — que nos pode parecer do soberano deste país que fez guerra para obrigar os chineses a se

envenenarem de ópio, que trucidou o Transvaal e a Nova Zelândia e sob cujo guante de ferro se asfixiam milhões de almas — que se pode dizer de semelhante criatura, repentinamente arvorada em defensora da Igreja e da Fé, mandando crianças e bombardeando igrejas e pretendendo ser uma espécie de herói de Camões, cavaleiro andante a lutar nos cinco mares, “para dilatar a Fé e o Império”...

A CAMPANHA DE CONFUSÃO CONTRA A IGREJA E A ALEMANHA

Chegam mesmo os prepostos da publicidade britânica a sustentar uma espécie de propaganda na qual querem impingir aos católicos uma falsa necessidade de opção nesta guerra entre a Alemanha e a Inglaterra, procurando colocar-nos, a nós católicos, numa situação de apuros, entre a cruz e a caldeirinha. Ao que parece, lhes mingua tanto o número de torcedores, que se valem desse sistema grosseiro para impor aos mal informados, como imperativo católico de consciência, a guerra em que se empenham. Não têm forças nem hombridade suficiente para dizer como Hitler que, nesta guerra, não se joga o destino religioso da Europa, mas o seu destino político. O reino de Deus não precisa da defesa precária das nações da terra. *O católico não está obrigado nesta guerra a tomar partido por este ou aquele dos beligerantes.*

Os propagandistas britânicos investem, em nome da civilização cristã, contra a "barbaridade nazista" e convocam os católicos, com ares de sacristães de opa, a formar na angélica e piedosa procissão dos amigos da Inglaterra. Mas seu beato sermão não chega a convencer. Na verdade, não fica nada bem ao dr. Churchill o burel de eremita, de vela e cruzeiro, que lhe querem dar... Além disso, dentro da doutrina dos doutores da Igreja, essa é uma atitude heterodoxa e fundamentalmente herética. Senão, vejamos: o grande Doutor da Igreja, São Basílio, advertindo os fiéis de seu tempo sobre a posição que deveriam adotar diante da guerra, ensinou-nos que só é lícito ao católico tomar partido, pela natureza da fé, quando a guerra é aquilo que canonicamente chamamos de guerra santa. E a Santa Madre Igreja ensina que uma guerra só pode ter o carisma de guerra santa quando se trata de conflito entre o cristão e o infiel, entre o cristão e o mouro, depois que o Chefe universal da Cristandade, que é o Papa, e não o arcebispo protestante de Westminster, assim o entendeu, "ex cathedra, urbi et orbi".

Ora, até aqui nada disso se deu nem se poderá dar, porque nenhum dos dois beligerantes é, oficialmente, para a Santa Sé, uma nação católica.

Portanto, é desonesto, é herético, impor como matéria de fé coisas que a ampla e magnífica liberdade da Santa Igreja deixa entregues ao nosso livre-arbítrio. Além disso, é imprudente e judaico querer fomentar a desavença entre uma nação cristã e a Santa Sé com pretextos e insinuações da mais requintada má-fé. Que intenções terão esses indivíduos ao acentuar divergências entre o Vaticano e Berlim nesta hora em que a vontade do mundo e a vontade expressa de Sua Santidade é a paz? Esses senhores que hoje assumem ares de santo escândalo por causa do pacto russo-alemão esquecem-se de que foram eles, ainda ontem, os mais ardorosos defensores do católico-judeu Jacques Maritain, com sua política de "main tendue" aos comunistas de Léon Blum e Cachin… Esquecem-se de que foram torcedores dos famigerados católicos bascos e de que se bateram pelos vermelhos da Espanha, enquanto a Legião Condor e a Disperata de Ciano, que representavam a mais fina flor da juventude católica ítalo-alemã, derramavam seu sangue pela causa católica do general Franco. E, se a Igreja teve dias menos claros com o nazismo, muito antes disso, de Leão XIII até hoje, a Igreja foi a primeira a fulminar, e muito mais violentamente, o liberalismo, do qual a Inglaterra representa um dos últimos baluartes avariados do mundo. Mas ninguém se lembra disso... E é justamente isso o que lhes convém. E, para semear a discórdia — *divide ut imperes* —, não hesitam em apresentar ao mundo, vestido de batina, o sucessor de Henrique VIII, o papa anglicano, o grão-mestre da maçonaria escocesa, o marechal do Exército de Salvação, o homem para quem o nosso Pontífice é, oficialmente, o Anticristo…

A SITUAÇÃO INTERNA DA IGREJA NO REICH

“Soldados alemães, combatei por Deus e pela Pátria alemã!”

(Da mensagem de S. Excia. o Bispo Jablonski, Prelado castrense do Exército, nomeado pelo atual Papa).

E qual será a verdadeira situação interna da Igreja Católica na Alemanha? Depois da atitude serena da Santa Sé, do incentivo do Santo Padre aos oficiais italianos em audiência do dia 4 de Novembro de 1940, depois da mensagem que no fim do ano os bispos alemães enviaram ao Führer e ao Marechal Göring, depois das palavras definitivas do Cardeal Decano do Sacro Colégio às tropas italianas, outras não podiam ser as relações da nova ordem europeia com a Igreja, senão as melhores e as mais sólidas.

Ainda há pouco o meu ilustre e sábio amigo, meu velho Professor, o Padre Heinz Hasselbacher, me escrevia da Alemanha em guerra. Tenho em mãos dados de estatística, em parte conseguidos aqui, mas sobretudo recebidos do Padre Heinz Hasselbacher, onde se poderá ouvir a palavra eloquente das cifras, mais eficiente que a dos argumentos puros, coisa que muita vez não cabe na claraboia das cabeças pequenas. Vamos às cifras, que têm de ser engolidas no duro e em seco, pela mão autorizada do Padre Hasselbacher.

“Nós somos, segundo as estatísticas eclesiásticas, — diz o ilustre sacerdote, — 48 milhões de católicos, ou seja, a metade da população da Grande Alemanha que é de 96 milhões de habitantes. E dos 13 milhões de residentes do antigo Estado Polonês ocupado pela Alemanha, 9 milhões são católicos. A Pomerânia tem do Vístula…

A Igreja tem 48 bispados, com 35 mil sacerdotes seculares e um número ainda mais elevado de regulares, como os de nossa Congregação, os Jesuítas, os Franciscanos, os Beneditinos, etc., e somos o primeiro país do mundo que dá missionários à Ásia, África e América”.

Um parêntese: enquanto a paganíssima Alemanha tem um sacerdote para cada 100 fiéis, o cristianíssimo Brasil tem um cura d'almas para 20 mil católicos, exceto no Ceará, no Rio e em Pernambuco, onde a proporção é de um para 8 mil!

"Há ao todo, — continua o Padre Hasselbacher, — 17.183 sedes de paróquias. O governo de Hitler subvenciona 678 estabelecimentos de ordens e Congregações de Padres e Irmãos, num total de 17 mil."

Será que na França, na Inglaterra ou no Brasil, os Padres recebiam alguma subvenção?

"Existem cerca de 8 mil conventos de freiras, vivendo neles mais de 100 mil irmãs. Por aí, meu caro, veja que esta história de perseguição religiosa, derivada do lamentável desentendimento com o Pontificado de Pio XI, não passou de medidas políticas e doutrinárias, que afetaram, — batamos no peito e confessemos, — aqueles politiqueiros, judeus e maçons, que queriam continuar a intrigar no Centro abusando do nome da Igreja. Se houve algum exagero as Chancelarias do Reich e da Santa Sé já se entenderam sobre. E a nós outros, sacerdotes alemães, não agrada que estrangeiros, para efeitos políticos e literários fiquem brincando com coisas tão sérias, como são a Igreja e a Pátria Alemã, etc., etc. . .".

Até aqui, o Padre Heinz Hasselbacher.

Podemos ainda acrescentar, graças a uma estátistica divulgada pela R.D.V.:

— Há seis Cardeais na Alemanha. Na comarca oriental da antiga Áustria, existem 282 conventos com 6 mil e quinhentos frades e mil e duzentos e seis conventos, com cerca de 20 mil monjas. A Igreja dispõe de 8 faculdades teológicas e de 6 institutos teológicos, administrados pelo Estado. Hitler concedeu à Igreja Católica uma subvenção anual de 500 milhões de marcos, além das subvenções que são concedidas aos templos em construção.

A Igreja dispõe de 8 faculdades teológicas e de 6 institutos teológicos, administrados pelo Estado. Hitler concedeu à Igreja Católica uma subvenção anual de 500 milhões de marcos, além das subvenções que são

concedidas aos templos em construção. No ano passado, só a Prússia deu 6 e meio milhões de marcos à Igreja Católica. Com um esclarecimento desta ordem, que poderá ser averiguado “in loco”, pois os padres e as igrejas estão lá para quem quiser ver, ainda haverá patuscos que queiram pendurar na face ariana do Chanceler Alemão, a máscara de Henrique VIII ou da Rainha Elizabeth?

CONCLUSÃO

“E na América o maior vulto da família maçônica de todos os tempos... o vulto excelso de Roosevelt. . .”

(Da prancheta maçônica publicada no Correio de Minas de 30-3-1940).

Para encerrar, julgamos muito oportuno divulgar ainda aqui, os trechos de uma carta que um leitor inteligente e de alta posição, sob o pseudônimo de Josias de Paula, nos dirigiu recentemente e que já publicamos no Gazeta de Notícias de 11-1-1940. É uma ligeira síntese da questão, que vem deixa nu os bastidores da infinita manobra anglo-judaico-maçônica.

“Os católicos e os jornais partidários dos ingleses estão em flagrante contradição com a Igreja:

1.’) A Igreja Católica tem um grande inimigo, — a Maçonaria; isto é mais do que sabido de quase todos os católicos. Digo quase todos, porque ainda há os que defendem aquela organização secreta, como também há os que são membros do Rotary Club, e chegam até ao desplante de, em suas sessões, fazerem discursos laudatórios ao espírito *rotaryano* de S. Em. o Cardeal Verdier.

2.º) A Igreja Católica tem suas reservas para com os judeus aos quais trata de “pérfidos” e por cuja conversão reza apenas uma vez durante o ano.

3.º) Os próprios países que se opunham ou se opõem à Alemanha, estavam, ou estão governados por judeus e maçons:

FRANÇA: — Naquele país, hoje sob o governo do Marechal (católico) Pétain, estão se passando coisas que o povo francês, católico, mas há cerca de meio século governado pela Maçonaria, jamais pensaria em ver. Já foram revogadas as leis iníquas e anticristãs do divórcio e do ensino leigo nas escolas. A Maçonaria foi fechada e seus chefes, que

também eram chefes do Estado Francês, foram trancafiados por terem atirado a França numa guerra para a qual não estava preparada. “Mas a Maçonaria não tem Pátria. Ela é obra do Judaísmo, é internacional. Ela domina pelo ouro”... (Página 6 do Adoremus — Belo Horizonte — Outubro de 1940).

O grito, “creio no milagre, porque creio na França”, (e não em Deus), documenta o que está acima.

INGLATERRA: — Basta o fato de o rei ser, logo que coroado, o grão-mestre da Maçonaria…

4.°) Na guerra de 1914-18, — “a vitória dos aliados deve ser a vitória dos princípios maçônicos”. (Léon de Poncins, “As Forças Secretas da Revolução”. Ed. de 1937, pág. 77. Palavras do Grão-Mestre Magalhães de Lima.)

5.°) Na guerra atual: — “nuvens, presagas toldam os horizontes das grandes vitórias maçônicas sobre a tirania, a escravatura e o imperialismo”. “Forças inimigas, desbaratadas nos formidáveis embates desiguais dos séculos decorridos parece que resurgem das próprias cinzas e alçam de novo o seu desafio contra a Maçonaria **adormecida sobre os louros acumulados**. “Outra a petulância de seus inimigos, está em guerra **a França inexpugnável e a Inglaterra invicta, as duas pátrias aliadas da Maçonaria universal**”.

“**E na América, o maior vulto da família maçônica de todos os tempos, presidindo a mais poderosa nação da terra, que prestigia e é prestigiada por todas as suas co-irmãs de polo a polo, o vulto excelso de ROOSEVELT, lançou no mundo, o toque de despertar e reunir**”.

“A nós maçons, cabe o dever imperioso de estar em alerta, aprimorando os nossos sentimentos e cultivando a nossa inteligência, para sermos fiéis soldados da Maçonaria, nessa hora trágica que se avizinha. (De um artigo no Correio de Minas, de Juiz de Fora de 30 de Janeiro, página 2).

6.º) Esse mesmo “maior vulto da família maçônica”, apresentando a Sua Santidade, o Papa Pio XII, o Sr. Myron Taylor, disse:

“Meu antigo e bom amigo tem sincera confiança de que o ideal comum da Religião e da Humanidade, constitui a expressão para o restabelecimento de uma paz duradoura, baseada na liberdade e na segurança da vida, na integridade de todas as nações, sob a proteção divina”. (A Cruz de 3 de Março de 1940, página 6).

Quem confia é o amigo; então o ideal da humanidade é destinado a quem? — já que o da religião é claramente para S.S. e para nós, católicos?

7.º) Em seu discurso no Reichstag, o Führer falou sobre a relação entre o Nacional-Socialismo e o Cristianismo. Ele afirmou que, mesmo quando houvesse divergências sobre este ou aquele ponto da organização religiosa, o Nacional-Socialismo reconhecia com gratidão a obra civilizatória do cristianismo e se considerava feliz por fazer parte dessa civilização. “Não queremos, de forma alguma, ser um povo sem religião e sem fé.” (Transcrição de “O Lar Católico” de Juiz de Fora, 14 de julho de 1935.)

8.º A França (antigamente) e a Inglaterra, “as duas pátrias aliadas da Maçonaria universal”, tinham, até o Sr. Churchill declarar que fazia a guerra em defesa da civilização cristã, o seguinte objetivo: “É absurdo continuar a dizer que não queremos destruir a Religião, quando, por outro lado, somos obrigados a confessar que essa destruição é indispensável para a fundação racional da nova cidade social e política. Portanto, não digamos: ‘Não pretendemos destruir a Religião’. Digamos, pelo contrário: Queremos destruir a Religião, para lançarmos, no mesmo lugar, os fundamentos da cidade nova”. (Palavras do Sr. Aulard, professor de História da Revolução na Sorbonne, citado por Léon de Poncins, op. cit., página 82).

9.º) Entre um inimigo que dá ordens para serem cumpridas sob pena de castigo (prisão), e outro que quer nos destruir, mas que come conosco à mesma mesa (a Mesa Eucarística) para disfarçar suas intenções (conforme Léon de Poncins, op. cit., página 60), qual é o mais perigoso? Que responda a sofrida Irlanda católica...

Se os católicos e seus jornais (apenas alguns, graças a Deus) soubessem dessas coisas, e se lessem também o esplêndido livro “O

Liberalismo”, de Perillo Gomes, não estariam surpresos com a recusa de Churchill a uma trégua no dia do Natal do Salvador, nem com seu bloqueio de fome às populações não alemãs... Até aqui, nosso correspondente.

Esta é a verdade verdadeira sobre as relações católico-nazistas, que uniram, apesar de todas as manobras de Mammon, o reino de Cristo ao reino de César, nestes dias históricos em que César renasce.

Porque Hitler e Mussolini encarnam, realmente, como proclamam homens da estirpe de Charles Maurras e Gonzague de Reynolds, a própria personificação da reação cristã de César contra as forças da revolução desagregadora.

D.G.E.M

“Conversa muito longa e notavelmente calma com Adolf Hitler sobre igrejas e religião. Bormann havia reclamado do fato de que o Exército e a Marinha iam à igreja durante os serviços religiosos […]

Surpreendentemente, Adolf Hitler recusou-se a intervir. Ele falou sobre sua atitude em relação às igrejas. *Permanece membro da Igreja Católica e continuará a sê-lo*.”